

A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

PEQUENA CHRONICA

MAR E CAMPO:

Os dias são mais pequenos, o sol menos afoqueante, a atmosphera menos esbraseada. A's tardes, o horizonte cinge-se n'uma larga faixa de purpura cardinal; e o mar, dolente como os threnos d'um apaixonado monge, sussurra, na monotonia das suas vagas, brancas, espumantes de crystal, a toada sonorosa e molliua de almas hystericas, nervosas, doentias. Toda a natureza pede repouso. Os campos despojam-se dos milheirões; as arvores das viridentes folhas; os vinhedos dos luzidios cachos. Ha uma corrente de negligencia, um sopro d'ópio de preguiça, que invade todos os nervos e subjugá todas as iniciativas. Tudo quer descanço, bem-estar, ferias ao espirito. As organizações debeis buscam a agua salgada para retemperar-se; os espiritos doentes, fechados, onze mezes, no terceiro andar d'um predio anti-hygienico, sem luz, sem ar, na trapeira esconça d'uma agua-furtada; os que mourejam n'uma officina; os que labutam n'um escriptorio, n'uma fabrica, a garganta secca, os pulmões queimados d'um ambiente saturado d'acido carbonico, esses, procuram o campo, os pinhaes verdes, as encostas e os cerros oxigenados, bebendo a largos haustos a vida, a grandiosa e melodiosa corrente de agua saturnina, que cura todas as chagas, e cicatriza todas as feridas.

O campo! Como é bello ir, n'estas tardes somnolentas, quando o sol vai escorregando por sobre o oceano, assim como um hydropico gigante vestido de ouro baço, como é bello seguir a estrada d'uma aldeia ignorada, entre as acacias cobertas de pó, fulvo como prata nova, entre os salgueiraes que bordejam margens d'um rio serrenissimo e paento, onde cysnes alvos e alvissimos espanojam as suas azas, assim como um moinho de vento, em monte alto, as vélas entufadas da sua róda aérea; como é bello na relva verde e macia d'um prado, por sobre o tapete dos pampilhos e das suages cór de sangue, estender uma toalha de linho, alvissima, e ao ar livre, ao livre e sereno ar da natureza liberina e uberrima, olhar para o coo, azulado como o coração d'uma virgem cheia de sonhos e de esperanças, pará o eco que principia a accender os seus luzeiros lucilantes, pondo na abobada infinita pontos de ouro fulvo, como constellações de brilhantes no collo assetinado e dóce da nos-

sa amada! E, tangendo os mansos epacatos bois, o pello suave e liso, os olhos grandes e redondos, ouvir a cantata amorosa e amorante da boeira feliz e despreocupada, que, fiando da sua roca o linho cru dos seus amores e dos seus devancios, vai alegrando as melros que saltitam dos valledos, e os rouxinóes que a escutam na folhagem verde-escura dos loureiros! Alma livre, ar livre, tudo livre.

E na praia?

Decotam-se as damas. As virgens toem requiebro duvidosos nas formas que se salientam. O vestido é apertado, a agua cinge-o aos contornos, e ellas ruborisam-se ao sahir do banho. Mas sentem um bem-estar o uma quietude morna, assim como um pesadello cór de aurora, que lhes faz febre na cabeça e lhes põe palpitações no coração. Abrem, de manhã, a janella do seu quarto; e o ar livre, o bom ar salino e refrigerante, entra-lhes, em lufadas bemfezas, como uma borboleta iriada d'azul que se lhes pousasse no collo alabastrino.

Cabellos esparsos, ondeantes, macios como velludo, fazem-lhe titilações sensualistas na epiderme de neve. N'este gózo pantheista da natureza, a alma veste-se de gaze cór de rosa, e espreitam para o mar. Está ancioso e anciante. Como um nenúphar infinito, abre as suas petalas de crystal, espumantes de prata alvissima, dizendo-lhes:

«Vinde ao meu seio, virgens loiras: quero sorvervos n'um caricioso e cariciante beijo d'amôr. E ellas ahi vão, na mága attração das ondas, mergulhar-se, atirar a esse enorme sybarita toda a suavidade das suas formas, e toda a palpação dos seus corações.

«Toem calafrios. Tremem, n'uma tiritação de frio e géllo de janeiro. Mas, depois, a dentro da barraca, n'aquelle pequeno ambiente, que respira o acre perfume de virgens castissimas, o sol vai espreitando, vai entrando em ondulações doiradas e quentes, e ellas sentem a reacção, o calor percorrer-lhes, primeiro, a espinha dorsal, depois o seio...»

«Ah! O seio alvo e alvissimo de-neve, lago caricioso, onde o cysne branco d'um amor ideal lhes anda nadando em delicias reconditas!

«Delicias suaves, todas intimas, d'um intimo dezejo e d'um intimo enleio, da cór dos lirios, o róxo-carmezim subjectivista da minha dama laurenta.

Z. Saramago

A Lagrima

Não ha nada mais curioso do que uma senhora. E, sendo gentil, muito mais. Ha dias, no jardim, esqueceu, sobre um banco, uma carteira ao snr. Z. Uma das damas da nossa elite, indiscretamente, abriu-a. Continha apenas uma cedula de 100 reis, e uma folha de papel assetinado Julgando que seria alguma carta de amor, desdobrou-a. Tinha apenas algumas phrazes soltas, copiadas de alguns livros e de algumas chronicas. Estas, entre outras:

Negro como o carvão. Banal como a pedra da rua. Imenso como o mar. Não ha nada mais doce do que a palavra perdão. Triste como um cemiterio...

Na secção litteraria d'um jornal d'esta villa appareceu, depois, um artigo, que principiava assim:

«O remorso é negro como o carvão. Em uma noite estrellada, o pensamento vagueava-lhe n'um aneio de amor, *imenso como o mar*. Mas, por mais que fizesse para esquecer a falta commettida, *banal como a pedra da rua*, a consciencia accusava-o. E elle, lembrando-se que *não ha nada mais doce que a palavra perdão*, foi atirar-se-lhe de joelhos, aos pés.

Ella ficou impassivel, e elle *triste como um cemiterio*.»

E a dama gentil ficou sabendo, então, o estôfo d'alguns litteratos.

Copiar e... dispôr.

INTERWIEU—Um dos reporters da *Lagrima*, vendo os differentes e descontraídos juizos, que se faziam n'esta villa, ácerca da classificação, que o jury do certamen das musicas deu á Banda Barcellense, em Vianna, resolveu entrevistar o snr. Manoel Zé, antigo maestro em rufo de caixa, e Antonio Boba, conhecido apaixonado e critico musical. Por acaso encontrou estes cavalheiros reunidos na mesma casa. Explicado o fim da visita, perguntou-lhes:

—Então, snr. Manoel Zé; qual é a sua opinião?

—A minha, snr., é que o *july* andou mal, mas a Vanda tãmem tinha cada peneira...

—Mas explique-me: o que é isso de peneiras?

—E' que quajo nenhum mestre dá importancia d'olho á retaguarda, e som uma bom-a caixa *ruf-ruf, terrum terrum*, as peças não balem um caracol.

—Mas, então, a caixa...

—A caixa era bom-a; mas queria mais aurma, as batecas nunca arreventam o coiro.

—Olhe, snr., diz o Boba, a respeito do coiro, o que le digo é que o *july* tinha coiro d'urso nos ouvidos, ou, então, é jacobino.

—Mas, não percebo.

—E' que num oubiu o *D. Carlos*, que foi tocado, de cabo a rabo, com toda a purfeição.

—E a peça do certamen?

—Ora... O clarinete estava como palha em julho: secco como o carapau na areia. E o felautim... O Marcos não sabe senão assoviar...

—Mas, então, a sua opinião?

—A nossa openção é qu'isto de desafios querem-se antes a mêm canada. Até eu lá ia.

—E eu, diz o Manoel Zé.

Ficando na mesma, ácerca do que alli levou o nosso reporter, ainda assim, agradeceu aos dois cavalheiros a sua attenção, e despediu-se n'uma cortezia graciosa.

ALBUM DA LAGRIMA:

Encontrou-se no «Recolhimento do Menino Dous», d'esta villa, um quadro a óleo, curioso, a nosso intender. Estava sujo, indecifavel; mas hoje, depois de lavado, mostra perfeitamente, na tela, um menino defeituoso, na parte a que o milagre se refere, e uma mulher de joelhos

A Lagrima

implore a protecção do Menino Deus, em frente. Além de tudo, é curioso ainda por mais uma circumstancia. E' anterior á inauguração do Recolhimento, que foi em 1733. E' do tempo em que a preta Victoria venerava o seu menino, ou na casa do seu senhor, ou já na Igreja da Collegiada. Eis os dizeres do quadro textualmente:

•Milagre q fes o menino Ds. de Vitoria em hua f.^a de Manuel de Linhares da freg.^a de S. João de V.^a boa; q nacendolhe hua menina pella mea noite Sã. e vividoura sem leziõ. alqua e com a necessaria esperteza mamando nos Pt.^{os} da Ama; da li alguns dias lhe começou a hinchar mt.^o o ventre e chorando continuamente com grdr.^o perigo de vida, clamarão. o parochio p.^a a Baptizar em Caza e sabendo q a menina não tinha ourinado desde q naceu por não ter via por donde despeiar a ourina, se pegarão com o S menino e foi servido darle logo via p.^a despeiar a ourina.

Nr.^o de 1720.

*

Na estrada, que conduz a Santa Leocadia de Pedra Furada, encontra-se uma taboleta curiosa n'um estabelécimento de cearia, no lugar do Cidral:

M. L. DAS. PINTO
ABELITADO
PARAUENDER
TABACOS IOU'TR-
OS GENEROS

*

Ha, tambem, quadros com modelos de redacção e orthographia dignos de ler-se, no mosteiro de N. Senhora das Necessidades, na freguezia de Barqueiros d'este concelho:

Milagre que fes Nossa Sr.^a Das necessidades A Domingo José da Silva da Freg.^a S. Paio de Carvulhal: Está com saude Perfeita.

MILAGRE Q FES N.S. DAS NECESSIDADES AMANOEL IOAQUIM DEULIVEIRA DA FREG. DENEGREIROS Q ESTANDO NO OSPITAL DE COIMBRA COM VMA GRABE MOLESTIA CEAPEGOU COM A SR.^a LOGO FICOV LIBRE NA HERA DE 1834

PERFIL—E' baixo na estatura, mas grande no coração. Sympathico e agra-

davel, tem sempre nos labios um sorriso, e na bolsa uma moeda para os pobres e para os necessitados. E' filho de Barcellos; mas a sua fortuna grangeou-a no Brazil. Se ficasse por aqui, andava sempre a apitar. Assim, não a... *pita!* Boa alma, coração generoso, amigo da familia como poucos. Quiz transformar a cadeia n'um palacio. Cousas do coração... Julgava por si o coração dos outros. A cadeia ha-de ser sempre *negra*; e elle ha-de ser sempre branco. Branco nas ideias generosas, alvissimo nas aspirações. Como os *grillos*, que grigrilam n'uma canção d'amôr, elle terá sempre no coração dos que soffrem uma benção de gratitude.

Recebi uma carta apaixonada, pelo estylo das chronicas magentas... quem me dera que a *Julia* enamorada fosse a dama das noites luarentas!

NOTAS D'UM BANHISTA—Apulia
7 de setembro:

Praia cheia. Gente do campo e gente da villa. Fórnas e contórnos diversissimos. Ha narizes grandes, bicusos como bico d'aguia; mulheres redondas e vermelhas como melancias, ancas roliças e seio farto; e ha tambem o typo lisboeta, seccas, pallidas, com olheiras. Mulheres do campo desfazem-se em gargalhadas estridulas, quando a saia branca da The-reza se despregou na cinta, e descobriu metade do hemispherio carnudo... e senhoras da villa, sorriso zombeteiro, batem palmadinhas nos joelhos, ao ver o homem da pera, n'uma carréla, assim como um hydro-pico catumbela, atirar-se ao mar. E os olhos ficam-lhe na barraca. Como elle vae, dil-o a *canna*... E' ler. Lá diz ella, em caracteres gravados:—*Triste*. Mas, para vir a alegria, toca

A Lagrima

n'ella com beiços grossos, transforma-a em flauta. E dá um bom flautista... No mar andam os arrojados; os nadadores valentes. Atiram-se como combatentes; mas sahem pingados, corcovados, como vencidos. Ha um padre que dava uma boia de salvação. Cheio, boa pança, e sempre á tona d'agua! Bom typo e esplendida boia. Pelapraia um photographo amator. Tira grupos em posições caricaturantes. As senhoras, assim que o veem, mirando, assentando o olho redondo da machina, perfilam-se, dão um geito ao pescoço...

Todas querem ficar elegantes.

A tarde, passeios na areia, e *micos* no Lima. Depois,—*Alto—berter augas*. E' uma delicia, á noitinha, quando se principia a accender a illuminação. A mais barata do mundo. E allumia tão bem, que a Apulia fica toda em trevas...

Na republica Juliana tocam bandolins e guitarras; falla-se, canta-se, dança-se. Animação extraordinaria quando falla o nosso cabeça de comarca...

*

Da Apulia vim pelas Necessidades. Romaria perfeitamente minhota. Muita gente, muito pó, muitas esturdias e muito vinho... de maçã, que é da côr da raiva, espumoso de amarello esverdeado. Doceiras em barda; café

de ram e bubidas. O Bicha fazendo muito negocio. O seu botequim, era para a gente fina, o café Martinho da romaria. A melhor concorrencia, salientando-se damas sympathicas e a menina Arminda espirituosamente gentil e elegante. Muitos padres e muitas mulheres. Musicas, a da Povoá e a de Cabreiros. Mas, os romeiros, a respeito d'ouvir musica, é que *olhavam cabras*...

Esta romaria não é para musicas. E' antes, para galhofas, palavrões, e cousas pouco limpas. Os carros das melancias bem adornados. Pareciam capellinhas em dia de festa. E havia, n'estas capellas, cada santa mais tentadôra... Uma delicia d'olhos.

E' tarde. Acabam as *notas*...

J. do M.

«A LAGRIMA»

Publicação quinzenal illustrada

Mez 20 reis
Avulso 10 »

Responsavel—*João G. da Silva*
Typographia da «Folha da Manhã»

Redacção rua de Faria Barbosa



Origem dos nossos dandys: Procedem dos Grous